

Álvaro de Campos

REALIDADE

REALIDADE

Sim, passava aqui frequentemente há vinte anos. . .
Nada está mudado — ou, pelo menos, não dou por isso —
Nesta localidade da cidade. . .

Há vinte anos! . . .
O que eu era então! Ora, era outro. . .
Há vinte anos, e as casas não sabem de nada. . .

Vinte anos inúteis (e sei lá se o foram!
Sei eu o que é útil ou inútil?). . .
Vinte anos perdidos (mas o que seria ganhá-los?)

Tento reconstruir na minha imaginação
Quem eu era e como era quando por aqui passava
Há vinte anos. . .
Não me lembro, não me posso lembrar.
O outro que aqui passava então,
Se existisse hoje, talvez se lembrasse. . .
Há tanta personagem de romance que conheço melhor por dentro
Do que esse eu-mesmo que há vinte anos passava aqui!

Sim, o mistério do tempo.
Sim, o não se saber nada,
Sim, o termos todos nascido a bordo.
Sim, sim, tudo isso, ou outra forma de o dizer. . .

Daquela janela do segundo-andar, ainda idêntica a si mesma,
Debruçava-se então uma rapariga mais velha que eu, mais lembradamente de
azul.

Hoje, se calhar, está o quê?
Podemos imaginar tudo do que nada sabemos.
Estou parado física e moralmente: não quero imaginar nada. . .

Houve um dia em que subi esta rua pensando alegremente no futuro.
Pois Deus dá licença que o que não existe seja fortemente iluminado.
Hoje, descendo esta rua, nem no passado penso alegremente.
Quando muito, nem penso. . .
Tenho a impressão que as duas figuras se cruzaram na rua, nem então nem
agora,
Mas aqui mesmo, sem tempo a perturbar o cruzamento.
Olhámos indiferentemente um para o outro.
E eu o antigo lá subi a rua imaginando um futuro girassol.
E eu o moderno lá descí a rua não imaginando nada.

Talvez isto realmente se desse. . .
Verdadeiramente se desse. . .
Sim, carnalmente se desse. . .

Sim, talvez. . .

15-12-1932

Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993): 293.